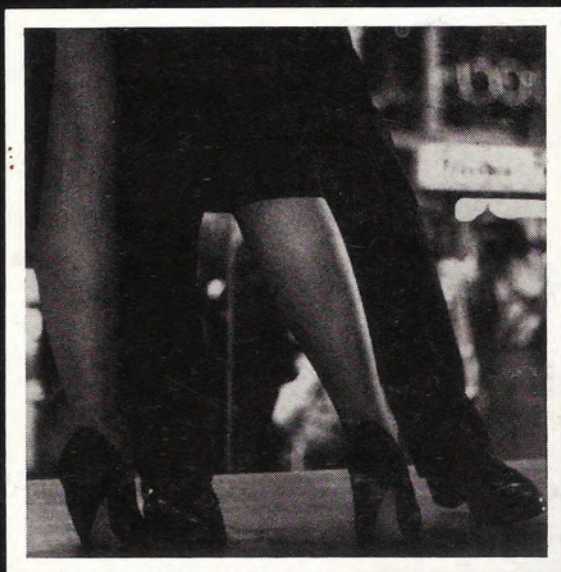


A ESCOLA

Dança



Boletim da Escola Superior de Dança • N.º 1 • Verão 87

Dança

DANÇA

Boletim da Escola Superior de Dança, nº 1, Verão 1987

DIRECTORA

Wanda Ribeiro da Silva

CONSELHO DE EDIÇÃO

Gil Mendo, Ana Maria Vian,

António Pinto Ribeiro

CAPA

Conceição Abreu

DEPARTAMENTO GRAFICO

Conceição Abreu, Henrique Mourato

ABERTURA 5

Wanda Ribeiro da Silva

PENSAR UMA ESCOLA SUPERIOR DE DANÇA 7

Arquimedes da Silva Santos

A PROPOSITO DE ESFORÇOS E ENERGIAS 15

Madalena Victorino

TONUS 19

Edgard Fortes

NIJINSKY'S CHOREOGRAPHIC METHOD: VISUAL 25

SOURCES FROM ROERICH FOR

LE SACRE DU PRINTEMPS

Millicent Hodson

ENTREVISTA COM A DRA. MADALENA PERDIGAO 37

Gil Mendo

ATITUDES 45

António Pinto Ribeiro

A DANÇA COMO ESPECTACULO 53

Ana Marques Gastão

NOTÍCIAS

A DANÇA COMO ESPECTACULO

Ana Marques Gastão

Pensar a dança como arte em si mesma e como discurso sempre envolve a noção de conquista de um palco. Como ciência do gesto, filosofia do corpo e do espírito, a dança tem como objectivo o sujeito que pensa, que cria e que contempla. Esta forma de arte necessita, antes demais, da colectividade, da multidão, do anonimato do olhar; depende imprescindivelmente da testemunha: daquele ser que assiste e que, em si recria a obra.

A dança é, de facto, espectáculo; necessita de um público para quem o movimento se faz, se constrói e se dá como produto ou aniquilação do mundo real, como poesia ou evasão para um estádio ideal.

E uma arte feita e cumprida de homem para homem, de corpo para corpo, de espírito para espírito; é uma emanção de nós próprios que só atinge a perfeição no Outro.

Quando falamos de Bailado - no sentido tradicional e clássico do termo - ou de uma dança outra, temos sempre presente um palco, um público e um estado de espera ou de apetência deste último face à obra. A dança como escrita no espaço, que nasce no corpo e por ele é definida produz, em nós, o gozo da arte: o prazer estético que se traduz no arrebatamento ou na alegria, na calma ou na paz. E aí reside o choque que sempre envolve a relação criador/ obra de arte/ público.

O espectáculo sempre se faz numa dialética entre a obra e o espectador. Dessa dualidade nasce em nós, público, a indiferença ou a recusa, a paixão ou o prazer. A arte da dança como movimento puro sempre vive do corpo, da simetria ou assimetria dos gestos, da música, da luz, do teatro, da poesia. Estes elementos possibilitam a uniformidade do espectáculo completo e absoluto, se se der ao sentimento - traduzido em dança - a capacidade de raciocinar.

A arte da dança desperta as nossas próprias faculdades: sugere-nos o belo e o feio, o sublime e o trágico, o ridículo e o grandioso. Nesta arte, como em literatura ou em pintura, o artista - através da sua obra, que se faz espectáculo porque recebida em nós, público - fornece-nos a imagem que desejamos ver ou que nos repugna. É rara a indiferença no espectador atento.

O espectáculo entendido como algo que atrai nossos sentidos, é sempre um diálogo. Em dança, onde tudo acontece em movimento - mesmo na imobilidade - há sempre a necessidade de identificação e de equilíbrio de forças entre o artista e quem assiste. O espectador sempre procura - para além da inovação, na dança moderna, e de um certo revivalismo, por vezes, na dança clássica - uma viagem para além de si mesmo; busca, sem dúvida, o sentimento que o transporta para além do que se conhece ou mesmo se sabe. Procura-se a ideia, ou se se quizer, o Belo.

Por isso - não me choca dizê-lo - o espectáculo também somos nós alheados da sala, isolados do público ou públicos. E o nosso próprio raptos para um mundo imaginário. O desdobramento do movimento, o mover dos corpos são por si, o pormenor de conjunto, o acto dançado ou o gesto de quem dança isoladamente formam arquitectonicamente a sinfonia de uma arte calada: a dança.

A nossa atenção, a do espectador, é captada pelo que escorre dos corpos e que nasce também de uma gramática

atlética; nosso olhar é captado pelo que nasce do ritmo e da sonoridade própria de quem dança em sintonia com a música. E assim brota o espectáculo - da invenção de novos mundos. Toda a criação envolve um certo êxtase, alegria essa só plenamente atingida, ainda que melancolicamente, no Outro, que testemunha a obra. E esse encontro eterniza o instante porque realiza o sonho.

O espectador, em dança, necessita da originalidade do criador, vive da linguagem dos sentimentos do coreógrafo. Ao ver dançar, aquele que assiste busca um estilo: a semelhança daquele que cria consigo próprio; procura algo não visto, espera e concretiza, em si, a revolução. E o aplauso nasce da identificação. O espectador apenas aplaude - pelo menos, aquele que é verdadeiro - o que recriou. Algo nasce e morre em nós perante uma nova coreografia.

Se, de alguma forma, uma obra dançada atinge um espectador, esse rapto só é possibilitado através do intérprete: o intermediário. Quem executa, o bailarino(a) é corpo que veste a alma do criador, que entende a sua mensagem de gestos. Antes de connosco dialogar, o bailarino já encontrou o criador. E despe-se de si mesmo, aquele que dança e vive a matéria do sentido estético do coreógrafo. Só desta dinâmica criador, obra, intérprete e, por fim, espectador nasce o espectáculo.

O bailarino transmite, em palco, o movimento no sentido mais puro do termo, intelectual, afectivo, sensível e sensorialmente, e através de instantes se geram formas. De momentos musicais, que nos revelam a pureza, o espectador pode quase atingir um estado de graça, raro, é certo, mas possível.

E desta qualidade dos seres humanos - porque dotados de sensibilidade e de um corpo - de se exprimirem através do movimento que nasce a dança e com ela o espectáculo. E a obra vive da união do corpo e da alma, da concepção cé-

nica, das vestes, da luz e da escuridão. Como uma das mais antigas artes, a dança *exprime* o que as palavras calam. Tudo é dança - não bailado -, mas nem tudo é espectáculo. O movimento de uma criança dentro de sua mãe e a sinfonia de gestos entre dois seres que se amam é o que se pode designar como uma dança pura. O espectáculo, esse, surge apenas quando emerge, em nós, público, a força da criação que se traduz na obra que nos é dada; surge apenas quando toda uma estrutura, hoje em dia, cada vez mais alargada a outras artes, que não a dança, se movimenta em torno do essencial: a coreografia e os bailarinos que recriam a obra. Então, a forma dos corpos envolvidos em luz não é nada mais do que o artista - aquele que cria - feito estilo. Toda a vida interior do criador, sua espiritualidade, seus instintos, sua natureza humana, suas crenças e seus costumes são narrados, em movimento, oculta ou abertamente na obra, que por ser inserida num ambiente histórico, se faz espectáculo.

A dança é uma arte de acção que pode viver só por si, mas que, para se realizar em plenitude, necessita do palco e do olhar de quem assiste; vive da ideia, apenas do movimento da diversão ou da reflexão. Se bem que a exteriorização técnica dos corpos seja importante e constitua um ponto de partida para a realização do objectivo artístico - também pensamos com o corpo -, o espectáculo apenas nasce do diálogo de espíritos entre o criador e o espectador, tendo como intermediário o intérprete. E assim que a luz se faz no palco. Aí, onde a imaginação se concretiza e o sonho pode ter lugar, nossa memória retém a exuberância de uma das mais completas artes: a dança.